

REIVENÇÃO E A FORMAÇÃO PERMANENTE DOCENTE NO ENSINO REMOTO

Alaíde Vieira de Andrade, UERN, E-mail: alaideandrade@alu.uern.br

Maria Andreza do Nascimento, UERN, E-mail: mariaandrea@alu.uern.br

Hostina Maria Ferreira do Nascimento, UERN, E-mail: hostinamaria@uern.br

Hélio Junior Rocha Lima, UERN, E-mail: heliojunior@uern.br

INTRODUÇÃO

Neste período de pandemia acometido pelo covid-19, a educação sofreu muitas consequências, escolas e professores estão se desdobrando para dar continuidade ao ensino, as situações para a realização desse ensino são diversas e há muitos desafios que os professores estão enfrentando para que possam desenvolver seus trabalhos.

Diante disto, nos propomos a discutir sobre a reinvenção e a formação permanente docente no ensino remoto. Para tanto, aplicamos um questionário com quatro professoras das redes de ensino público e privado da cidade de Mossoró, Rio Grande do Norte. Tivemos como base teórica as ideias de Freire (2005, 2015) tratando da formação permanente docente, partindo da realidade e suas necessidades, da busca da formação como possibilidade de transformação.

A realização das aulas remotas trouxe à tona dificuldades quanto ao uso das ferramentas tecnológica dos professores, este momento exigiu deles conhecimentos sobre a utilização dessas ferramentas, os professores sentiram a necessidade de reinventar seu trabalho através da formação, buscando novas estratégias para dar continuidade ao ensino.

REIVENÇÃO E A FORMAÇÃO PERMANENTE DOCENTE

Estamos passando por tempos imagináveis, a escola exigiu mudanças no trabalho docente, visto que a maioria não fazia muito uso das tecnologias. Os efeitos da pandemia soaram como trabalhar com o imprevisto, com respostas imediatas, e com a possibilidade de

aprender a se reinventar de forma inédita. Por ser algo novo, é desafiador trabalhar com o ensino remoto, com aulas *online*, os professores esgotados com o excesso de atividades e

preocupados com seus alunos que não tiveram contato com a escola neste período ou ainda que estão impossibilitados de acessar o conteúdo que é ofertado através das mídias digitais.

O professor foi preparado em sua formação inicial para trabalhar com interações, olho no olho dos alunos e de repente o uso das tecnologias torna-se seu mais novo aliado na mediação das aulas. Tudo isto exige mais dedicação, mais estudo e mais disponibilidade de tempo. Em tempos de distanciamento físico, pudemos perceber, dentre outros aprendizados que nos trouxe este período pandêmico, a relevância da formação docente, o quanto professoras e professores se angustiaram por ter que trabalhar em casa, utilizando os recursos digitais sem ter uma formação adequada.

Com o ineditismo deste período, o foco da formação consiste basicamente em treinamentos ou cursos sobre as tecnologias digitais, professores buscando aprender em curto espaço de tempo a usarem plataformas, gravar e editar vídeos, arquivar fotos ou vídeo, além de trabalhar remotamente. Os professores têm buscado cursos e formações online que os ajudem a utilizar as novas tecnologias com o intuito de manter o contato com os alunos.

Destacamos que, na condição do retorno às aulas presenciais, seria importante repensar a formação docente, pois o uso das mídias e tecnologias digitais deve continuar a se fazer presente na prática docente. A formação se refaz constantemente na prática, com isso, pensar sobre formação permanente docente implica pensar nas atividades desempenhadas pelos professores e as suas necessidades formativas.

O uso de ferramentas tecnológicas de informação que se intensificou nas diversas áreas da educação tem mostrado o quanto ainda há que aprender, tendo em vista que essas ferramentas, em muitos casos, não eram comuns à utilização nas práticas docentes, neste período tivemos a possibilidade de aproximar os professores, desse recurso que tem muito a contribuir para o ensino. Para tanto, é necessário que as escolas se envolvam de maneira que aprendam ainda mais a utilizar essas ferramentas para uma educação cada vez mais elevada e conectada com os avanços da sociedade.

A formação docente está para além dos momentos formativos institucionais, ela acontece diariamente e deve se construir na reflexão sobre a prática, estimulando o desenvolvimento de atitudes críticas e oportunizando um trabalho condizente com a realidade, diante das práticas pedagógicas cotidianas dos professores. Sob a ótica do entendimento do inacabamento do ser (FREIRE, 2015) apontamos para a compreensão de que homens e

mulheres se constituem enquanto professoras e professores a partir das vivências pessoais, formativas e práticas, por meio de reflexões individuais ou coletivas.

A Formação Permanente de professores se constrói por meio de um trabalho de reflexão crítica sobre a prática e não por acúmulo de cursos, conhecimentos ou técnicas, eis aí a concepção “bancária” de educação a que os educadores muitas vezes são submetidos em cursos ministrados em formações institucionais em que esses se deixam encher pacientemente da transmissão de conteúdo, como depósitos. A formação deve oportunizar, aos professores, meios para um pensamento autônomo, dinâmico e de autoformação. Se não for assim, eles não podem ser, pois fora da busca inquieta e permanente na *práxis* dos professores não há invenção ou reinvenção, não há construção do saber e nem transformação.

Por isto repudio a “pedagogia bancária” e proponho e defendo uma pedagogia crítico-dialógica, uma pedagogia da pergunta. A escola pública que desejo é a escola onde tem lugar de destaque a apreensão crítica do conhecimento significativo através da relação dialógica (FREIRE, 2005, p. 83).

As políticas da educação tendem a intervir na formação dos professores, tirando-lhes o direito de exercerem sua autonomia sem levar em consideração os conhecimentos e saberes que são construídos na sua prática, querendo adotar modelos prontos de planos de aulas. O conhecimento que se produz na escola precisa ser significativo para a formação dos educadores, não podendo ser feito através de prescrições a fim de depositar informações.

Concernente à Formação Permanente (FREIRE, 2005), entendemos que é um processo dialético, remetendo aos professores a sempre buscarem o novo, pensando e agindo para superarem as mudanças, provocando transformações. Nesta perspectiva, a formação docente deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva que forneça aos professores um pensamento autônomo, facilitando as dinâmicas de autoformação. Essa reflexão sobre o nosso fazer nos conduz à mudança do olhar sobre a prática pedagógica. Assim diz Freire (2005) sobre a formação permanente:

Será privilegiada a formação que se faz no âmbito da própria escola, com pequenos grupos de educadores ou com grupos ampliados, resultantes do agrupamento das escolas próximas. Este trabalho consiste no acompanhamento da ação-reflexão-ação dos educadores que atuam nas escolas; envolve a explicação e análise da prática pedagógica, levantamento de temas de análise da prática que requerem fundamentação teórica e a reanálise da prática pedagógica considerando a reflexão sobre a prática e a reflexão teórica (p. 81).

A perspectiva coletiva no processo da formação é imprescindível, tanto no sentido da reflexão quanto da autorreflexão sobre a prática. Nesses momentos, as falas e escutas são de grande relevância para as descobertas e as escolhas. É preciso aprender a ouvir, considerar e aproveitar esses conhecimentos ofertados e adquiridos por meio da troca, da partilha e do diálogo com o outro.

CONCLUSÕES

Diante das dificuldades enfrentadas por professoras e professores, o momento em si tem trazido muitas aprendizagens no que diz respeito ao uso das tecnologias digitais, promovendo, assim, possibilidades de aprendizagens sobre a utilização de ferramentas que antes não eram habituais na escola, mas que devido ao momento atípico, sem um planejamento prévio, professoras e professores tiveram que buscar aprender para reinventar suas práticas pedagógicas, para dar continuidade ao ensino. No que concerne a reinvenção pedagógica de professoras e professores, pudemos perceber que a formação é ponto chave e se faz imediata neste processo de maneira a dar continuidade ao aprendizado do uso das ferramentas tecnológicas mesmo depois do retorno às aulas presenciais.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 6º Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários À Prática Educativa**, São Paulo: Paz e Terra, 2015.